



AS FRONTEIRAS DE UM CORPO IMAGINÁRIO: O GÊNERO E A IDENTIDADE EM “O MENINO QUE BRINCAVA DE SER”, OBRA DE GEORGINA MARTINS

THE BORDERS OF AN IMAGINARY BODY: GENDER AND IDENTITY IN “THE BOY WHO PLAYED AT BEING”, BY GEORGINA MARTINS

Thiago Venicius de Sousa Costa¹

Lorena Maria de França Ferreira²



<https://doi.org/10.46401/ajh.2020.v12.9813>

RESUMO: Neste artigo, estudamos a obra *O menino que brincava de ser* (2000), de Georgina Martins, investigando como são abordados os temas do gênero, corpo e identidade no universo da literatura infantil. A análise enfatiza as *brincadeiras do ser* do personagem Dudu, que apresenta um gosto não convencional pela cópia ao imitar personagens de contos de fada – geralmente do sexo oposto. Situação que acentuará os problemas das fronteiras do masculino-feminino ao evidenciar o potencial do imaginário na produção de novas subjetividades.

Palavras-chave: corpo; gênero; identidade; História;

ABSTRACT: In this article, we study Georgina Martins work *The boy who played at being* (2000), investigating how gender, body and identity are addressed in the universe of children’s literature. The analysis emphasizes the *playfulness of being* from the character Dudu, who has an unconventional taste for copy by imitating characters from fair tales – usually of the opposite sex. A situation that accentuated problems of male-female borders and highlighted the potential of the imaginary in the production of new subjectivities.

Keywords: body; gender; identity; History;

1 Mestrando de História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH/UFRN). Pós-graduando em Direito Civil e Processual Civil e Bacharel em Direito pela Faculdade de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí (Centro Universitário UNINOVAFAPÍ). Especialista em História Social da Cultura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: thgvenicius@gmail.com.

2 Mestra pelo Programa de Pós-graduação em História do Brasil (UFPI). Graduada em Bacharelado em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: lorenamaria04@hotmail.com.

A literatura infantil vem se constituindo como um campo de possibilidades para os historiadores, ganhando espaço nos domínios de Clio³ ao contribuir nos debates do fenômeno histórico. Dessa forma, bem mais do que um produto criativo que brinca com as palavras, que nos toca e busca encantar as sensibilidades das crianças, esse documento é carregado de traços de historicidade.

A partir dessa perspectiva, a História pode ser lida e vista quando o pesquisador mergulha sobre as espacializações da linguagem, que produzem um conhecimento tanto sobre os homens no tempo como criam imagens sobre as suas vivências. E, mais do que isso, tem a capacidade de revelar as experiências pessoais de seu criador, uma vez que, no ato de narrar, este põe em xeque não somente as astúcias e potencialidades do ser inventivo, mas deixa escapar vários fragmentos de si.

Com isso, não afirmamos que todas as obras de caráter ficcional criam imagens que se põem a dizer o real, aquilo que é palpável e poderia fugir dos domínios do fantástico. Ou mesmo poderiam ser simplificadas na forma de um registro biográfico, uma espécie de confessionário das emoções, que comporta as angústias, as mágoas, os ressentimentos, os sonhos e as aspirações de seu artesão. Antes, situar que as imagens produzidas pela imaginação não são frutos do vazio, mas reservam as experiências do vivido de seu autor.

Decerto, por trás de um mundo de papel, aquele que ganha forma através das imagens poéticas⁴ do escritor, é possível encontrar as vibrações do corpo do homem de letra – assim como dos sujeitos ordinários, da figura de homens e mulheres que, sumariamente, são representantes de sua pena. A leitura sociológica e antropológica de David Le Breton (2007; 2012) nos possibilita criar essas virtualidades de perceber as marcas corpóreas do escritor no ato de narrar, uma vez que a escrita perpassa as suas formas e sensações. É através da escrita que os homens de letras colocam em evidência as suas carnes quando falam de suas dores, remorsos, medos e outras excitações da alma por meio de seus personagens⁵.

O resultado disso pode ser verificado em pesquisas que se debruçam sobre esse gênero literário⁶ e que investigam, além dos espaços romanescos e sua estética, os saberes históricos e os lugares da narrativa no tempo e no espaço. Temas que, ao serem lidos em conjunto, possibilitam reconstituir as imagens do passado e levantar problemáticas sobre outros trânsitos no presente-futuro.

As linhas que seguem este trabalho são iniciativas de subir a âncora do fazer histórico e navegar sobre os mares do universo infantil, explorando em seus devires da arte literária as dimensões do tempo histórico. Ou seus relampejos do passado, no dizer benjaminiano (1987, p. 224), ao sugerir que quando articulamos o passado não significa conhecê-lo em sua forma pura; pelo contrário,

3 Clio é a musa da História, partilhando junto com a sua mãe, Mnemósine, o campo do passado e a mesma tarefa de fazer lembrar. Ver mais em Pesavento (2004).

4 Aqui fazemos referência ao pensamento de Gaston Bachelard (1993) ao compreender a imagem poética como um conceito variacional que significa o ato da consciência criadora ao produto mais fugaz da consciência.

5 Lima Barreto (1881-1922) é um dos autores que deixou ao longo de sua produção escrita, especialmente as de caráter ficcional, uma série de rastros que vêm possibilitando aos pesquisadores a investigação de suas corporeidades e sentimentos de si, como pode ser visto na pesquisa de Elizabeth Gonzaga de Lima (2005), e, mais recente, com o trabalho de Lilia Moritz Schwarcz (2019).

6 O trabalho dissertativo de Daniel Alencar de Carvalho (2016) é um exemplo, pois oferece um olhar sobre essa questão quando estuda os tempos de Monteiro Lobato na composição da nação brasileira, entre os anos de 1914 a 1927. O estudo denota que, no universo infantil do autor, especialmente na obra *Sítio do Picapau Amarelo*, o mesmo conseguiu imprimir tanto o desejo de desenvolver uma estética de leitura voltada para o público infantil como se utilizou desse espaço narrativo para disseminar suas ideias, propósitos, feitura da nação e outras experiências de seu tempo.

antes mantemos contato com seus fragmentos e reminiscências, pois, como advogou: “a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.”

O *menino que brincava de ser* (2000), obra de Georgina da Costa Martins, possibilita-nos essa aventura, trazendo o desenvolvimento de problemas que, até pouco tempo, eram ausentes do espaço literário voltado para o público infantil. Dentre os temas, figuram as discussões de identidade, corpo e aquelas que colocam em questão as fronteiras do gênero.

Nascida na cidade do Rio de Janeiro em 1959, Georgina Martins exerce a função de Professora de Literatura Infantil e Juvenil na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, atuando no Mestrado Profissional em Letras da mesma instituição. Especialista em Teoria e Crítica da Literatura Infantil e Juvenil e Doutora em Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da UFRJ, apresenta uma trajetória de investigação primorosa – que lhe rendeu premiações e menções honrosas – sobre os diferentes espaços da literatura, principalmente a infantil, onde desenvolve projetos e pesquisas, exercendo mais atividades voltadas para o ensino e o livro didático.

Importa anotar que a exclusão social é um dos temas recorrentes em sua produção escrita, que configura o poder de afecção percebido pela autora em sua vida profissional e individual⁷. Fato que nos permiti situar o seu tipo de fazer literário, que “explorará a dor, o pesar, a sensibilidade do leitor através do impacto, provavelmente despertando muitos leitores, adultos e crianças, desse anestesiamiento que o consumismo e os apelos da mídia provocam na população” (SILVA, 2008, p. 20-21).

O debate sobre a identidade, corpo e gênero integra esse esquema. Com isso, buscaremos evidenciar como essas questões perpassam e são desenvolvidas na ficção de nossa autora através do personagem Dudu. Nesse diapasão, destacamos a existência de um debate sensível sobre a criação de uma identidade de gênero e suas corporeidades na infância, onde o ser menino e menina está num palco de tensão, ocupando uma área em que as territorialidades do sexo e suas fronteiras são, aparentemente, bem delimitadas. No entanto, ao longo da narrativa, Georgina Martins mostra as rugosidades dérmicas.

Assim, quando o garoto foge do modelo heteronormativo e atravessa, constantemente, as fronteiras do feminino a partir das *brincadeiras de ser* – que revelam o gosto pela cópia de personagens de contos de fadas nas rodas de brincadeira com os colegas, onde desejar ser, geralmente, o sexo oposto –, ele será acusado de possuir um corpo degenerado e doente, que deve passar pelos procedimentos de cura e disciplina. As *brincadeiras de ser* serão marcadas por estigmas, pois, como nos adverte Erving Goffman (2008), possuem uma linguagem de relação e atribuição, que refletirá na narrativa de Georgina os preconceitos da família do garoto. Preconceitos que encontrarão eco na ideia de um corpo estranho, abominável e que se deforma à medida em que se utiliza da imaginação para significar um corpo que não é seu, onde compreendemos como tentativas de inscrever novas

7 Alessandra Garrida Sotero da Silva (2008), ao tratar em sua tese do caráter estético da obra de Georgina Martins, onde a marginalidade e exclusão nos centros urbanos marcam os cenários de sua ficcionalidade, sugere que as inquietações da autora para esses temas e problemas têm uma ligação direta com a sua atuação em projetos sociais que visavam a reintegração de indivíduos excluídos da sociedade. Exemplo é o projeto do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Favela da Maré (CEASM), realizado em diferentes turmas da rede municipal de ensino da comunidade, cujo objetivo era criar e implementar atividades em Língua Portuguesa e Literatura. Experiência que lhe rendeu anotações que ganharam corporeidades no livro *Uma Maré de desejo* (2005).

formas de si.

Por fim, focando na melhor articulação de nossas ideias, organizamos este trabalho em dois momentos. No primeiro tópico, é realizada uma incursão histórica sobre as percepções da infância e como essa questão tributa sobre os temas de corpo e gênero. No segundo, desprendemos algumas notas sobre o discurso identitário e suas corporeidades presentes nas narrativas de Georgina Martins, com o intuito de esmiuçar os possíveis significados das *brincadeiras de ser* realizadas por Dudu e seus companheiros. Para articularmos esse debate, manteremos diálogo com as teorias de autores que percorrem os temas centrais de investigação de nosso trabalho, como Guacira Lopes Louro (2014), Stuart Hall (2006), David Le Breton (2012), dentre outros.

A construção da infância e as percepções sobre corpo e gênero

A abordagem histórica sobre a infância foi sendo ampliada no contexto de estudos mais contemporâneos, em especial no século XX, diante dos movimentos feministas que aos poucos foram abrindo espaço para as mulheres, crianças e os esquecidos da história. Diante disso, observa-se neste estudo a construção sobre a infância em relação às produções, sendo as escolhas de caráter subjetivo formadoras da construção textual.

Philippe Ariès (1981) é considerado um dos precursores dos estudos voltados à família e à infância, o que nos possibilita pensar sobre a infância através da formulação de duas teses: uma infância percebida na sociedade tradicional e outra na sociedade industrial. A primeira se refere à velha sociedade tradicional, a qual encarava com maus olhos as crianças, tornando o olhar ainda mais severo em relação aos adolescentes, sendo a fase da infância destinada apenas ao momento mais frágil da vida e, logo depois, destinada a viver juntamente com os adultos compartilhando os afazeres e suas sociabilidades.

Não havia uma real percepção da infância como uma fase da vida humana que merece cuidados específicos diante da fragilidade da existência e da dependência natural que crianças possuem para se desenvolver e sobreviver. Não havia a separação da infância das outras fases da vida, ou seja, as crianças dividiam os espaços ocupados pelos adultos.

A composição familiar não exercia função efetiva, ainda que isso não signifique a ausência de afeto entre os membros, mas que a família tinha a função principal direcionada para a conservação de patrimônios e a instrução de uma prática de ofício que fosse comum entre seus membros. Assim, as trocas de afetos e a comunicação interpessoal ocorriam em grande medida fora do ambiente familiar, em meio aos vizinhos, à separação por gênero (grupos de homens e mulheres), sendo o núcleo familiar um grupo de produção de subsistência. No entanto, esse padrão começa a sofrer alterações no fim do século XVII e início do século XVIII, quando a família passa a ser reconhecida cada vez mais próxima da vida privada, dos espaços privados, da intimidade e longe da vida coletiva e pública.

Em sua segunda tese, Philippe Ariès elenca um novo caráter assumido pela criança e pela família nas sociedades industriais, na qual meninas e meninos arcam com um novo papel ao sair do ambiente privado para o ambiente coletivo. A criança passa a ocupar não apenas o espaço da

família como mais um integrante, mas como um de seus principais integrantes, para o qual se cria novos projetos de vida e de espaço escolar.

Nesse período, a família começou a dar nova significação à criança, não concebendo-a mais como um ser efêmero. Surgem outros modos de organização em torno da figura infantil, concedendo-lhe importância ao tratá-la como insubstituível, cuja perda seria encarada com profundo pesar. Outro detalhe importante revela que, nesse período, por meio da revolução escolar e de uma considerável redução voluntária da taxa de natalidade – expressiva no século XVIII –, a criança ganha maior visibilidade diante da redução do número de nascimentos e do destaque que lhe é dado ao percebê-la como continuadora da linhagem familiar. A infância passa a ser vista como momento de aprendizagem, incorporação de práticas e valores que fazem parte do cotidiano e que também deveriam ser conduzidos até à vida adulta, condicionando e definindo os papéis de cada um no corpo social.

As abordagens indicadas anteriormente nos ajudam a analisar a importância dada ao personagem Dudu dentro de seu âmbito familiar. Inicialmente, a criança recebe maiores cuidados e apoio da avó, e só é percebida no momento em que se notam distorções sobre o que a família espera dela, o que acaba gerando maior dedicação ao garoto enquanto membro do núcleo. Dudu foi compreendido como um menor que precisa de atenção e cuidado dos membros familiares diante de sua importância na formação familiar e por representar a continuidade de seus antecessores em contextos futuros.

Outra abordagem possível para entender a infância é a de Mary Del Priore (2006), que nos proporciona conhecer uma gama de estudos sobre a infância no Brasil. A autora reitera a ideia de criação da infância ao longo do tempo e, no que diz respeito às brincadeiras infantis, afirma que “no começo, a criança é seu próprio brinquedo, a mãe é seu brinquedo, o espaço que a cerca, tudo é brinquedo, tudo é brincadeira” (DEL PRIORE, 2006, p. 231). Assim sendo, as pessoas que a cercam servem de referências de comportamentos, sendo imitadas em suas atividades e formas de ser, algo que é visível no comportamento de Dudu ao reproduzir o modo de agir, falar e ser de seus familiares, usando-os como referências.

As brincadeiras de Dudu se ligam ao cotidiano da família, pois o garoto utiliza seu círculo doméstico como referência em suas escolhas, a exemplo da avó no uso de roupas femininas ou mesmo dos filmes e desenhos conhecidos por ele, os quais o fazem imaginar assumir a identidade de personagens fictícios.

Para analisar as brincadeiras desenvolvidas por Dudu é possível dialogar com Walter Benjamin (2009, p. 96), que aponta:

O brinquedo, mesmo quando não imita os instrumentos dos adultos, é confronto, e, na verdade, não tanto da criança com os adultos, mas destes com a criança. Pois quem senão o adulto fornece primeiramente à criança os seus brinquedos? E embora reste a ela uma certa liberdade em aceitar ou recusar as coisas, não poucos dos mais antigos brinquedos (bola, arco, roda de penas, pipa) terão sido de certa forma impostos à criança como objetos de culto, os quais só mais tarde, e certamente graças à força da imaginação infantil, transformaram-se em brinquedos.

Tal situação é percebida na vida do protagonista Dudu, forçado às brincadeiras com a bola de futebol – jogos estes com maior apelo representativo para os seus pais e outros adultos do que realmente para a criança. No contexto referido, o garoto estava sendo instruído a usar uma bola, instrumento dos jogos de futebol e que carrega uma suposta virilidade.

Sobre o corpo, Denise Bernuzzi Sant'Anna (2004, p.4) aponta que "o corpo de cada um pode parecer extremamente familiar e concreto em certos momentos, mas, em outros, bastante desconhecido e abstrato." Assim, diante dessa multiplicidade, o corpo passou por várias tentativas de modulação, seja pelas formas de religião ou através da ciência, segmentos que buscaram formas de discipliná-lo de acordo com várias culturas. No entanto, apesar de todos os esforços para controlar o corpo, existem fragilidades em suas disciplinas, existindo outros corpos que fogem do que já foi pré-estabelecido, como é o caso de Dudu. Ao criar formas de subverter através da brincadeira outros modos de ser e de significar o seu corpo de forma diferente do que é imposta por sua família, o personagem estabelece suas próprias identidades com o seu corpo.

Guacira Lopes Louro (2004, p. 75) aponta que "ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideias da cultura". Essa afirmação da autora diz muito sobre o corpo (ou os corpos, diante de sua multiplicidade), em especial quando se trata do personagem Dudu quando, no ato de suas brincadeiras, assume outras formas, não sendo quem ele era anteriormente.

Essa brincadeira e a multiplicidade do personagem denotam mudanças que não devem ser tidas como banais, mas como representações sobre o masculino e o feminino determinadas pela sociedade da qual ele faz parte. Dessa forma, é possível perceber o modo como o poder interfere nessas representações ao classificar e rotular o que é característico de cada sexo. No entanto, isso não pode ser entendido sem especificar historicamente o contexto de análise, pois:

As marcas de gênero e sexualidade, significadas e nomeadas em algum contexto de uma cultura, são provisórias, e estão, indubitavelmente, envolvidas em relações de poder. Os esforços empreendidos para instruir a norma nos corpos (e nos sujeitos) precisam, pois, ser constantemente, reiterados, renovados e refeitos. [...] assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente pelo próprio sujeito ou pelos outros. (LOURO, 2004, p. 82-83)

Guacira Lopes Louro (2004, p. 82) aponta que "as normas que regulam se voltam para os corpos para indicar limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí por que aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos ilegítimos, imorais ou patológicos". Afirmação que entra em consonância com o personagem Dudu no momento em que ele ultrapassa o limite daquilo que lhe é imposto sobre o modelo de masculinidade. Agindo assim, ele é apontado como alguém com problemas de saúde.

A cultura latino-americana, formada por significações do meio social e natural – um complexo que inclui conhecimento, crença, arte, leis, moral, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade –, contribui para a continuação de posturas machistas em nossa sociedade. A ideia voltada para o entendimento do masculino continua, assim como expõe Sócrates Alvares Nolasco (1993), ligada intimamente às posturas patriarcais

vindas junto com a colonização e com a ideia de guerreiro que o homem adquiriu no cenário das guerras.

Dessa maneira, a noção do sexo masculino ficou ligada à imagem de um representante, alguém que deveria assumir posturas objetivas e corajosas diante das dificuldades e obstáculos. No entanto, com o advento das novas conjunturas políticas, econômicas e sociais dos últimos séculos, ocorreu a necessidade de criação de um novo modelo de masculinidade moldado pelo subjetivismo. Isso provocou a chamada “crise de masculinidade”, uma vez que, durante o final do século XIX e início do século XX, não era mais possível sustentar posturas rígidas de virilidade, principalmente com a ideia de lutador que o homem adquiriu no campo de batalha.

Portanto, o novo conceito alavancou a valorização de algumas características do que significava a masculinidade, revelando a possibilidade de feminilizar e, com isso, gerando a necessidade de criação de clubes e centros de pesquisas para evitar a perda do homem masculino através de auxílios e investigações. Essa perspectiva deu clareza ao surgimento de modelos não tão homogêneos como os existentes no período patriarcal, e também para a reafirmação do “homossexualismo” no meio social.

O “homossexualismo” veio como representação de um homem desviante dos modelos e das regras impostas para a criação bem sucedida de um representante da masculinidade, apresentando incertezas diante das opções sexuais de um homem. Desse modo, qualquer traço de feminilização seria repudiado. Pedro Paulo de Oliveira (2004) expõe as questões que envolvem as posturas desviantes e não-desviantes desses novos homens.

Esses novos homens devem conviver com as indagações diante de suas posturas e escolhas sexuais, tendo que reafirmá-las em todas as fases da vida. As crianças e os jovens são constantemente direcionados para adotar posturas que os qualifiquem sobre os modelos de masculinidade, como as brincadeiras e formas de se vestir usando o corpo e os seus comportamentos como meios de comprovação de suas escolhas.

As delimitações do que é “coisa de menina” ou “de mulherzinha” e do que é pertencente ao mundo masculino são inseridas no cotidiano das crianças como algo natural, mesmo com as diferenciações culturais. Esse traço fica evidente nas sociedades mais ou menos desenvolvidas – considerando aqui questões sociais e econômicas.

Essa demarcação sobre o que corresponde a cada sexo está intimamente ligada à percepção do que é tido como viril para o masculino, pois Dudu, ao se vestir com trajes femininos, foge da representação do modelo de homem; modelo este que se traduz em vestir calças. O garoto deixa para trás a vestimenta usada por seu pai, cuja figura representa o símbolo do homem a ser seguido. Além da virilidade comprovada por meio das roupas, há também o retrato do homem másculo retratado pela prática do esporte, em especial do futebol, que se mostra como um traço consolidador do enquadramento do personagem no mundo que é destinado aos homens.

Ademais, os questionamentos quanto à masculinidade não ficam retidos apenas nas fases iniciais da vida, mas se expandem quando se trata da paternidade. Quais posturas o novo homem deveria adotar vivendo em um universo que tenta se desprender do modelo patriarcal, mas que encontra nele o principal padrão de masculinidade? As indagações foram e são muitas, já que, ao

mesmo tempo em que o homem tenta criar uma postura diante da sociedade, ele tem que consolidar as suas características no meio privado.

Assim, o homem se encontra entre a vontade de adotar a padronização antiga em conformidade com uma outra opção imposta, que faz referência desde a nova significação do que é pertencer a um modelo familiar diferente do que vivia e o confronto com um indivíduo que necessita e pertence aos seus comandos e cuidados. Ensinar o que é ser masculino e feminino faz parte de sua função. Portanto, ele se sente obrigado a enfatizar de maneira evidente quais as diferenciações e as suas funções no meio social, formando não apenas cidadãos, mas representantes que devem assegurar o que foi lhes impostos biologicamente.

Sobre as invenções de si em um corpo imaginário

As *brincadeiras de ser* do personagem Dudu tornam problemáticas algumas imagens do discurso identitário e conseguem dar visibilidade ao contexto histórico da pós-modernidade, onde as relações sociais são cada vez mais fluidas e móveis. Com isso, a ideia de imaginação desenvolvida por Georgina Martins aciona um mecanismo de desterritorialização do ser que buscou dar novos significados aos desejos, aos afetos e às sensibilidades, fazendo com que o corpo responda a outras formas de subjetivação.

No universo da criança, como esclarece Constantina Xavier Filha (2015), é através da corporeidade que o infante também se expressa sexualmente, sente prazer, toca seu corpo, tem dúvidas, busca responder as suas questões. O que torna revelador as discussões de sexualidade e identidade na infância, que não devem ser percebidas enquanto “terras incógnitas” para os adultos, pois é no campo das interações que a criança aprende e interage com as pedagogias de gênero e, consequentemente, constrói os diferentes significados de si.

É desse modo que as *brincadeiras de ser* do imaginário podem ser compreendidas como um laboratório de experiências, uma medida que permite cartografar os sentimentos⁸ e criar diferentes contornos identitários. Por essa linha de pensamento, Stuart Hall (2006, p. 38) nos esclarece o seguinte:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’.

Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 82) também endossa essa discussão ao dissertar que:

[...] afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder.

Esse processo de demarcação aponta para a crise de legitimidade do homem cartesiano, do

8 Por cartografia compreende-se o que é disposto por Suely Rolnik (2014) sobre a necessidade de mergulhar na geografia dos afetos, sobre o processo de criação de mundos e de outros territórios existenciais através da subjetividade.

sujeito abalado pela modernidade que procura novas formas de habitar em um mundo de obscurecimento das referências. Fato que contribui para o enraizamento físico da condição de cada ator, que caça novas formas de identidade. Parte daí seu interesse pelo corpo, dado o que nos aponta David Le Breton (2007, p. 11), para quem “é lugar do rompimento, da diferenciação individual, supõe-se que possua a prerrogativa da possível reconciliação”, capaz de conectar-se a outros atores, uma vez que o corpo é o lugar da inclusão e não mais da exclusão ou segregamento.

Decerto, as brincadeiras de imaginário são práticas que proporcionam maneiras de ver e dizer o mundo – e ganham aproximações do discurso identitário por sua flexibilidade, ao passo que chamam atenção para as suas armadilhas ao buscar delimitar fronteiras. Inclusive, fronteiras estas que não deixam de carregar tensões, fato evidente na obra em estudo por meio das forças de um poder disciplinar e normalizador que coloca em jogo a problemática do gênero.

Isso ocorre nas *brincadeiras de ser* quando a imaginação de Dudu apresenta um gosto não convencional pela cópia dos personagens de contos de fadas, isto é, seu corpo geralmente vibra na escolha de figuras femininas, como a bruxa, a fada e a princesa. O que nos sugere uma quebra no sistema de classificação e atribuição dos papéis sexuais, quando se tem um corpo que não consegue se ver fixo nas territorialidades da heteronormatividade; ao contrário: vive nos limites e fronteiras do que é ser menino e menina.

Porém, o seu gosto pela cópia não se coloca como um determinante que age ou se movimenta em uma única direção, já que o garoto também se identifica com os heróis masculinos, como o príncipe e o rei. O que desperta o seu interesse na escolha de um determinado personagem é uma condição simples: ser o escolhido um dos “desenhos mais legais”. Algo que, certamente, é condicionado pela destreza de um narrador que constrói tramas que tiram o fôlego, que prendem seu espectador, envolvem e divertem.

Ao tratar dessas questões em sua obra, Georgina Martins, possivelmente, compreenda que a imaginação seja uma máquina de subjetivação que não cria fronteiras ou delimita territórios; é, antes, uma transgressora das formas instituídas. Preocupação que, ao certo, busca atingir algumas das finalidades da literatura infantil, como a transformação da narrativa em um laboratório da experiência humana que possibilita com que o garoto conheça o mundo e recrie realidades. Ou seja, “ao se apropriar da cultura pela literatura infantil, a criança tem a oportunidade de se inserir no mundo diversificado da cultura, pode interpretar de múltiplas formas a construção social” (RIBEIRO, 2018, p. 83).

E isso, sem dúvida, poderia fazer com que a sua ficcionalidade fosse classificada naquilo que Ligia Cademartori (2010) identifica como literatura infantil digna do nome, estimulando a criança a viver uma aventura com as linguagens e seus efeitos. A autora nos ensina ainda mais ao afirmar:

O acompanhamento de ações imaginárias, relatadas mediante o simbolismo da linguagem, além do divertimento, permite uma reordenação afetiva e intelectual das vivências, que respondem às necessidades infantis. Isso não se restringe ao fato de a história provocar reações afetivas individuais. O espectro é mais amplo. A narrativa ficcional possibilita que tendências sejam generalizadas por meio da simbolização. [...] As histórias contêm um caráter de exemplaridade que – atenção! – não é moral, mas demonstrativa. Então, ao ouvir ou ler uma história, algo que existia apenas dentro de mim pode transpor essa interioridade e ser localizado exteriormente, como situação vivida por outras pessoas que, é possível, respondam a ela de diferentes maneiras. (CADEMARTORI, 2010, p. 40)

A imaginação é capaz de produzir significados que não ficam somente no plano abstrato e do intangível. Ela consegue espacializar nossa experiência com o mundo, com tudo aquilo que nos é externo e que toca as emoções. Ademais, na obra de Georgina Martins, esse mesmo produto imaginativo consegue acionar o discurso de identidade enquanto problema: o problema da unidade, daquilo que é estável, permanente, cristalizado, homogêneo e essencial.

Quando a imaginação permite o trânsito do corpo a outras formas de subjetivação, é montado o primeiro cenário de tensão sobre o comportamento de Dudu, dado pela suspeição generalizada de seus familiares a um tipo de brincadeira que põe em desordem os saberes naturais sobre o sexo. Nesses termos, o ser imaginário deve ser compreendido como uma forma que o garoto, certamente, encontrou para experimentar o mundo, pois “pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão” (LE BRETON, 2007, p. 8).

Vale situar que essa atividade – de invenções do eu através das *brincadeiras de ser* – foi recebida não apenas por Dudu. Esse interesse também circulou entre seus amigos à medida que a prática foi sendo naturalizada e aceita, passando a ganhar corporeidade na cotidianidade da escola no meio de outras brincadeiras. Reflexo disso pode ser observado em um lampejo da memória do garoto, quando assevera que “[...] agora é a maior briga para ver quem vai ser a bruxa” (MARTINS, 2000, p. 52).

A posição da mãe de Dudu não absorve os excessos dos outros membros da família – no que diz respeito à intimidação, ao terror psicológico, à violência velada e outras intransigências que atormentam o garoto. De fato, a mãe é menos enérgica, embora demonstre preocupação e cautela com as ações do filho que, segundo ela, resultam em um tipo de atenção que pretende “curar” um suposto comportamento desviante. A ideia de cura reflete um episódio em que o garoto afirmava que tinha acordado com uma vontade de “brincar de ser de verdade”.

A afirmação fez com que a matriarca se mobilizasse contra um possível travestimento do filho, pois o ser imaginário estaria em uma dimensão que não abarcaria mais o fantástico, o lúdico, o faz de conta; a brincadeira se tornava palpável ao entrar nos territórios do não-ficcional, no jogo da vida real. Não havia mais o movimento entre as fronteiras do feminino, mas, ao certo, possibilitando construir uma moradia em seu domínio, o que supostamente faria com que Dudu adquirisse uma nova corporeidade.

Como consequência, a mãe vai associar o comportamento do garoto a um tipo de patologia, passível de diagnóstico, intervenção e cuidado. E o caso ganha intermediação mais complexa quando a figura materna busca um tratamento clínico para o menor, procurando o auxílio de um psicólogo, psicanalista, psiquiatra e endocrinologista. Essa sequência não é aleatória, mas demonstra uma série de iniciativas e esforços de encontrar respostas para a sua aflição que ancoram, igualmente, no temor paterno de “perder o único filho homem”.

Medo que pode ser lido a contrapeso da pesquisa de Durval Muniz de Albuquerque Jr., ao narrar a crise de um padrão de masculinidade na região nordestina durante a década de XX. A crise foi acelerada pelo processo de modernização daquele espaço, com mudanças em sua paisagem, “sobretudo pela alteração do lugar ocupado pelas mulheres, pelos filhos e pela própria família, é

vivida como uma crise mais aguda, pois abarcaria todos os aspectos da sociedade” (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 209). Com a feminilização desse recorte geográfico – figura de gênero usada para falar da crise econômica, política e social vivenciada –, urgiu a necessidade de um novo homem, viril e armado contra esse processo de horizontalidade e declínio.

A partir dessa reflexão, podemos criar visualidades sobre a existência de uma crise da masculinidade sugerida na narrativa de Georgina através das *brincadeiras de ser* de Dudu, onde a feminilização do garoto provocaria rachaduras na estrutura familiar, de seus espaços e tradições. Com previsões negativas sobre o nascimento de um futuro neto e herdeiro do filho, a família estaria fadada a assistir o seu declínio e ruína. As memórias da tradição familiar seriam fraturadas e a sua linhagem correria o risco de findar no tempo, já que seus ideais e valores não seriam transmitidos a uma pretensa geração que poderia carregar as glórias, estimas e presunções de seu nome.

Em um diálogo de Dudu com o psicólogo, consultado por sua mãe para tratar seu suposto comportamento desviante, destacamos a explicação do garoto sobre o funcionamento dessas *brincadeiras de ser*, como pode ser observado a seguir:

[...] quando a gente brinca [de ser], a gente inventa que é outra coisa; quando eu vejo um desenho, eu brinco de ser aquele personagem mais legal do desenho.
– [Psicólogo] Quais os personagens que você acha mais legais?
– Gosto de um monte: quando eu vejo o desenho do Robin Hood, eu brinco de ser ele; quando eu vejo o da Bela Adormecida, eu brinco de ser a bruxa, eu gosto muito de ser bruxa...
(MARTINS, 2000, p. 10)

No fim, o diagnóstico dado pelo terapeuta e pelos demais profissionais consultados sobre as maneiras de ser e agir da criança foi unânime em negar a existência de algo patológico. Pelo contrário, comprovou tratar-se de uma criança saudável, sensível e com um grande poder imaginativo para com as coisas e o mundo. Caso que foi observado e reconhecido pela professora que assistia Dudu na escola, que também chegou a lidar com as inseguranças arquitetadas pela família quando essas brincadeiras começaram a se manifestar entre o garoto e seus colegas de turma.

O cenário dessas tensões ilustra aquilo que Sócrates Nolasco (1995) discute serem as dúvidas familiares sobre o comportamento sexual do menino. Com isso, ocorre a essencialização de um perfil de masculinidade, de traços e características que devem afastar a feminilização do homem. É daí que se reforça a coragem, a agressividade, a determinação e a astúcia diante dos traços de afeto, de emoção, do carinho e de outros prolongamentos das sensibilidades que podem colocar em dúvida a natureza do masculino e feminino ou dimensionar pontos críticos pela confusão de suas fronteiras através das *brincadeiras de ser*.

Desse modo, pode ser observado como o discurso heteronormativo produz e impõe a verdade sobre o sexo (LOURO, 2014) ao realizar exercícios de poder e dominação sobre os corpos. Um exemplo que pode ser lido como uma tentativa de moldar o corpo a um modelo de virilidade é a iniciativa do pai de matricular o filho, Dudu, no clube esportivo. Por estar inserido em um local de representação do masculino, o garoto seria capaz de desenvolver certas habilidades e modelos cognitivos de masculinidade.

O emprego da violência não foi descartado, mas foi percebido como uma alternativa – se não

o instrumento e tática mais eficaz – para a correção do corpo pretensamente desviante de seus padrões “naturais”. Contexto que ganha destaque a partir do diálogo da avó paterna que, em suas reminiscências sobre a infância do próprio filho, relata que ele também apresentou os mesmos “problemas” do neto:

Menino homem quem tem que educar é o pai. Quando vocês eram pequenos, seu pai nunca deixou brincar de boneca. Lembro de uma ocasião em que você chorou muito porque queria ganhar uma boneca igual à da sua irmã, mas nós não deixamos; só de pirraça, você ficou sem comer dois dias. Teve aquela vez em que peguei você com um vestido e uma peruca minha: levou maior surra e ficou de castigo uma semana! Mas valeu a pena, nunca mais você usou as minhas roupas... Agora, vocês [pai e mãe de Dudu]... vocês não sabem educar o Dudu. Nunca vi menino ter fantasias de menina! Vocês empregam essas coisas e agora querem reclamar!? Acho que agora já é tarde... (MARTINS, 2000, p. 36)

Essa passagem é significativa por fazer ligação a um tipo de modelo educacional em que meninos e meninas devem ser instruídos por seus pares. A quebra desse esquema causaria não só confusão, mas seria um risco, um perigo iminente na diluição de fronteiras, supostamente bem demarcadas, entre o ser masculino e feminino. Assim, o afeto pode ser lembrado como um precedente para esse perfil educativo, que deve ser utilizado com reserva, já que produz intensidades que podem adquirir um caráter movediço.

Argumento ilustrativo na obra em estudo, onde as representações ganham contornos opostos. De um lado, uma figura paterna ausente durante o crescimento do filho, onde o afeto reduzido, sufocado pelo tempo de trabalho – circunstância que o deixava longe da família – , fez com que a educação do garoto, com aquilo que podemos identificar serem as coisas de menino-homem, valorizasse outras características, deixando a virilidade padrão praticamente inexistisse. Do outro lado, há os excessos de carinho da mãe, que possivelmente afastaram o garoto de um modelo ideal de masculinidade, da figura do homem ágil, forte e destemido, dando lugar a um indivíduo fraco, de traços delicados, com corporeidades que se assimilariam às formas do feminino, onde seu ponto de indistinção flertava com os espaços do homoerotismo.

Por fim, no meio dessa trama, há a figura da avó materna. A única que vai buscar compreender essa fase de descobertas de Dudu, que se solidariza com as suas incursões imaginárias e busca desamarrar os nós de um conflito ocasionado pelas *brincadeiras de ser*, que também chegou a praticar em sua meninice. Ao certo, o seu papel na narrativa é de apaziguar os desconfortos do neto causados pelos familiares sobre a ideia de travestimento. Por isso, vai se colocar sempre em defesa nas cenas de repressão, arbitrariedades e injustiças sofridas pelo menor.

Sua posição é estratégica para denotar o quanto podem ser estimulantes as brincadeiras de imaginário e significativas para a criação de novas linguagens de si. Prova disso é a iniciativa em presentear o garoto com “uma linda fantasia de bruxa, toda bordada com luas e morcegos” (MARTINS, 2000, p. 44). Nessa ocasião, o garoto confessa, novamente, a vontade de ser menina para ter liberdade de usar batom, enfeitar seu corpo com acessórios e, por ventura, sentir todos os encantos dos espaços da infância ao se permitir também atravessar as formas do feminino.

E ainda acrescenta que sabe um meio para que essa transição seja feita por completo: passar por um arco-íris. Ao menos, essa foi a ideia mirabolante que Marina, sua amiga, dividiu em confi-

dências. A par dessa informação, tratou de interrogar a avó sobre a possível veracidade do que lhe foi dito. Ao obter um “talvez” como resposta, os ânimos do garoto ficam aquecidos, conforme fica claro em:

– Vó, meu pai vai ver só, depois que eu virar menina ele não vai poder fazer nada. Vai parar de ficar me atormentando para jogar futebol, nunca mais vai dizer para eu não trazer desaforos para casa, vai parar de implicar com os meus brinquedos... Vai até comprar aquela boneca de que eu gostei. E, depois acho que ele nem vai mais me bater com tanta força, porque ele sempre diz que em mulher não se bate. (MARTINS, 2000, p. 48)

O relato do garoto é carregado de esperanças, assim como marcas de ressentimentos que são inscritas em seu corpo. Na primeira situação, a possibilidade de assumir uma nova identidade de gênero e suas corporeidades expressa um desejo de atingir um alvo pré-determinado: o pai. E não é preciso esforços para especular e entender os seus motivos, já que, ao revirar algumas lembranças reveladas no diálogo com a avó, o garoto afere que “ele [o pai] gosta tanto da Julinha! Toda vez que ela vem aqui com a minha tia, ele fica todo bobo com ela...” (MARTINS, 2000, p.50).

Quando nos deparamos com essa cena é possível cogitar como Dudu reagiria nessa situação: provavelmente, não esconderia o ranger de dentes pela cordialidade paterna; talvez chegasse a sentir inveja, ciúmes e tristeza pela atenção concedida, longe de ser representativa da cotidianidade do lar. Ao menos de modo explícito, manifesto através de expressões gestuais e verbais, principalmente de seu pai. Com isso, a vontade de ser menina de verdade acenderia no garoto uma luz de esperança para fazer com que o pai conseguisse recitar seus afetos sem preconceitos. Talvez fosse suficiente para ergue e (re)construir os abrigos de um abraço e fazer com que pudesse sentir, mais vezes, o afeto de um beijo.

No segundo caso, cabe fazer uma breve explicação de seu termo. David Konstan (2004, p. 62) nos auxilia nesse ponto ao dissertar que “mesmo em seu sentido popular, o ressentimento parece um estado ou sentimento particular e imediato”. São sentimentos fraturados que, através de uma força repressiva, ceifam nossas emoções e afetos, podendo durar no tempo e serem cultiváveis; diferentemente da raiva que, ao surgir por impulso, perece em minutos, instantes, dificilmente se prolongando no tempo e espaço.

Continua o referido autor aferindo que o ressentimento é uma noção complexa e difícil de se precisar, o que atestaria o seu caráter polissêmico, uma vez que deve ser dito de maneira plural e nunca através de uma dimensão essencialista. Com isso, arrisca três conotações para qualificar seus termos, denominados de social, existencial e psicológico. Sem pretensão de alongar essa análise, podemos resumir que o primeiro reflete as maneiras de ressentir de um grupo, coletividade, podendo ser uma resposta a uma ofensa, preconceito e discriminação; o segundo, por sua vez, expressa um ressentir duradouro que não revela um estado de impotência diante de um superior, antes se voltando contra tudo e nada em particular, seu alvo é indeterminado, pois surge sem motivo claro e definido.

A última conotação é a que mais gabarita as apreensões de Dudu com o pai, por se tratar de um estado em que o indivíduo se ressentente pela raiva, a irritação, pela injúria; é um sentimento que se volta contra um objeto ou particular determinado. E a partir da fala do garoto podemos

precisar que o futebol, a violência paterna, a falta de liberdade da criança em escolher os próprios brinquedos e o constante tolhimento dos sentimentos são os reatores dessa fratura, fazendo com que seu corpo curve e se ressinta pelos mandos e desmandos do patriarca, por sua apatia e falta de sensibilidade.

Na busca de encontrar a si mesmo, Dudu chega a ser levado pela avó a um teatro. O local apresenta um universo em que as relações de gênero não são determinantes nos comportamentos e atitudes, onde homens e mulheres podem assumir diferentes identidades, escrever seus corpos em formas variadas e se inventar a cada ato em cena. A constatação acaba inspirando o garoto a não querer mais ser uma menina de verdade. Aliás, essa vontade, como apontamos anteriormente, era transitória e perpassava mais as aflições do menor em querer agradar o pai e criar novos laços de afeto, o que não era possibilitado pela intensa atividade laboral e ausência paterna, resultando em desgastes.

Por fim, podemos registrar que os problemas criados e trazidos por Georgina Martins ao longo de sua obra ganham aproximações com as ideias dissertadas por David Le Breton (2007, p. 7), ao argumentar que o corpo não é uma marca fatal do pertencimento biológico, mas um “vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída”. Essas notas iluminam o nosso debate ao lembrarmos o quão emblemáticas se tornaram as brincadeiras de ser ao colocarem em desordem, embaralhando pela força do poder imaginário, a categoria biológica que tende a subordinar a corporeidade a uma natureza.

Desse modo, *brincar de ser* não diz respeito somente à busca de uma identidade, à sua fixação em um modelo normativo e culturalmente aceito como natural. Diz mais sobre as aventuras do ser sobre terras incógnitas, sobre a escavação de novas sensibilidades; insinua o quão performativas podem ser nossas produções de subjetividades em um sistema de referência cultural cada vez mais complexo, disperso e heterogêneo.

Conclusão

Na obra *O menino que brincava de ser*, Georgina Martins nos possibilita afirmar que as construções do corpo, gênero e sexualidade são constructos históricos e culturais, assim como são dotados de um poder que disciplina, marca, nomeia e consegue impor o que deve ser tido como normal ou anormal aos seus padrões preestabelecidos. Caso que ganha visibilidade a partir do personagem Dudu e as *brincadeiras de ser* que permeiam seu imaginário. Antes de ser uma prática exclusiva sua, aos poucos foi partilhada entre seus colegas à medida em que foi aceita e naturalizada no cotidiano escolar.

O uso da imaginação ou do ser imaginário conseguiu mobilizar o discurso de identidade, que estrutura um dos primeiros polos de tensão da narrativa de nossa autora. No livro, tensões marcadas pela repressão dos familiares do garoto às brincadeiras que consideraram desvirtuadas, sobre o movimento de seu corpo a outras formas de subjetivação, que não se referiam com exclusividade aos traços do masculino, mas que atravessavam até as fronteiras do feminino – local onde ele desejou habitar em alguns momentos.

Essa tensão ganha corporeidade no momento em que *brincar de ser* inaugura uma suposta

fuga de um modelo normativo do sexo, que tende a ser diluído sob um terceiro que não faz parte do que é desejável, especialmente quando deixa o domínio da fantasia e se espacializa no real, no mundo concreto e físico. Assim, quando o garoto vibra em assumir a identidade de personagens femininos, acaba gerando desconforto no ambiente doméstico, a ponto de sofrer represálias dos familiares por apresentar um comportamento desviante, passível de cura e intervenções clínicas.

Decerto, a imaginação é que vai possibilitar o rompimento das fronteiras que delimitam o biológico, aquilo que é natural no sexo, ao buscar subverter os enquadramentos e classificações sociais do que é ser masculino e feminino. E mais do que isso, permite o deslocamento do indivíduo para novas formas de produções de si.

Georgina Martins deixa aberto e sugestivo esse debate em sua ficcionalidade, quando não busca enquadrar o personagem Dudu a uma identidade fixa. Pelo contrário, permite o seu trânsito a outras formas de subjetivação, que não significam um desejo em assumir, definitivamente, o perfil oposto. Brincar de ser assume, certamente, a proposta de valorizar uma das etapas mais sensíveis da formação de homens e mulheres: a infância.

Essa seria a fase de experimentação, de correr riscos e provar um pouco do gosto da liberdade, de saber chorar sem o temor das represálias; fase em que podemos nos deixar afetar pelas incondicionalidades do amor, de descobrir meios para lidar com as nossas fraquezas, desejos e sensibilidades – sentimentos que nos permitem, por fim, descobrirmos ainda mais nossa humanidade.

O ser imaginário de Dudu nos faz meditar sobre a importância de viver sem nos acovardamos, sem alimentar receios ou medos de errar e sermos identificados como tolos. Aliás, em alguns momentos, é preciso ser tolo para conseguir sentir os poderes da imaginação; poder que nos possibilita modular nossos corpos. Embora essa ação não se restrinja à infância, pois seu relevo social continua ao longo de nossas vidas, possibilitando fazer um último questionamento: afinal, quando foi a última vez que também nos permitimos *brincar de ser*?

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE júnior, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do 'falo': uma história do gênero masculino (1920-1940)**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Kooogan S.A., 1981.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi; rev. da tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARVALHO, Daniel Alencar de. **Diálogos do descompasso**: os tempos de Monteiro Lobato na composição da nação brasileira (1914-1927). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KONSTAN, David. Ressentimento: história de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). **Memória e (res)sentimentos**: indagações sobre uma questão sensível. 2. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

LIMA, Elisabeth Gonzaga. **Fragmentos do eu**: a escrita íntima em Lima Barreto. Tese (Doutorado em Literatura) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Marcas do corpo, marcas de poder. In: LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, Georgina da Costa. **O menino que brincava de ser**. São Paulo: DCL, 2000.

NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2004.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 4, p. 9-28, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RIBEIRO, Aline Escobar Magalhães. **Literatura infantil e desenvolvimento da imaginação**: trabalho modelado como ferramenta de ensino do argumento narrativo. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e História**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto e a escrita de si. In. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 33, n. 96, p. 137-153, ago. 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/161285>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SILVA, Alessandra Garrido Sotero. **A literatura infanto-juvenil engajada de Georgina Martins**: a busca de novos valores diante da indiferença pós-moderna à exclusão social brasileira. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

XAVIER FILHA, Constantina. Sexualidade e identidade de gênero na infância. **Revista diversidade e educação**, Rio Grande do Sul, v. 3, n. 6, p. 14-21, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/6375>. Acessado em: 12 dez. 2019.

Recebido em: 05 de março de 2020.

Aprovado em: 09 de junho de 2020.